



O professor surdo em sala de aula comum: um estudo pelas lentes da inclusão

The Deaf Teacher in a Regular Classroom: A Study Through the Lens of Inclusion

Ieda Maria Giongo¹
Maria de Fátima Nunes Antunes²
Francisca Melo Agapito³

Resumo: Este artigo problematiza a presença do professor surdo como docente em sala de aula comum. Os dados foram gerados a partir da formação de um grupo de estudos com docentes ouvintes e surdos, que atuavam com estudantes surdos nos anos iniciais, envolvendo duas escolas públicas do Mato Grosso, Brasil. Os participantes elaboraram, desenvolveram, avaliaram e redesenharam tarefas fazendo o uso do GeoGebra como uma Tecnologia Assistiva (TA), por meio da metodologia Estudos de Aula. As atividades foram desenvolvidas nos anos iniciais com a presença de estudantes surdos. Constatou-se que o professor surdo pode ser regente em sala de aula comum desde que tenha formação na disciplina em questão, com o direito a um profissional Tradutor Intérprete de Libras.

Palavras-chave: Professor Surdo. Salas comuns. Inclusão. Tradutor de intérprete de Libras.

Abstract: This article problematizes the presence of deaf teachers as educators in regular classrooms. Data were generated from the formation of a study group comprising both hearing and deaf teachers who worked with deaf students in elementary years, involving two public schools in Mato Grosso, Brazil. Participants designed, developed, evaluated, and redesigned tasks using GeoGebra as an Assistive Technology (AT), employing the Classroom Studies methodology. The activities took place in the elementary years with the presence of deaf students. It was found that a deaf teacher can lead a regular classroom provided they have training in the subject matter, with the right to a professional Interpreter Translator of Brazilian Sign Language (Libras)

Keywords: Deaf Teacher. Common Classrooms. Inclusion. Libras Interpreter Translator.

1 Introdução: contextualizando a investigação

Este artigo apresenta resultados de uma tese de doutorado efetivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas da Universidade do Vale do Taquari - Univates, intitulada “Surdos, tecnologias assistivas e estudos de aula: uma perspectiva etnomatemática em foco”. Interessa aqui problematizar a presença do professor surdo como docente em sala de aula comum (Antunes, 2023). Para dar conta do objetivo, formou-se um grupo de estudos com sete docentes, ouvintes e surdos, que atuavam com estudantes, igualmente surdos, nos anos iniciais, sendo dois da Sala de Recursos Multifuncional, dois pedagogos, dos anos iniciais (3º, 4º) e um Intérprete de Libras, e dois professores surdos, de duas escolas públicas, localizadas no Mato Grosso, Brasil, que atuavam com estudantes surdos nos anos iniciais. Este grupo fez uso da metodologia conhecida por Estudos de Aula, para desenvolver uma formação continuada de professores. Os referenciais teórico-metodológicos que sustentaram a investigação são alusivos ao campo da etnomatemática, conforme descrito por Knijnik *et al.* (2019).

Ademais, em alguns encontros do grupo, ocorreu a participação de professores

¹ Universidade do Vale do Taquari • Lajeado, RS — Brasil • igiongo@univates.br • <https://orcid.org/0000-0002-1696-0642>

² Secretaria de Educação de Mato Grosso • Sinop, MT — Brasil • <https://orcid.org/0000-0001-9187-9804>

³ Universidade Federal do Maranhão • Imperatriz, MA — Brasil • <https://orcid.org/0000-0002-8742-7802>



convidados para contribuir em distintas temáticas, tais como etnomatemática: uma perspectiva para os processos de ensino e suas intersecções com a cultura surda, Tecnologias Assistivas e suas interlocuções com o campo na etnomatemática e a metodologia Estudos de Aula. Ao término da investigação, transcreveu-se os dados gerados, na sequência, utilizou-se o *software* Nvivo⁴, para realizar a compilação dos depoimentos dos participantes, que gerou vários mapas de projetos e seus descendentes. No entanto, neste trabalho, dá-se ênfase, para o mapa de projeto “Inclusão e Currículo”, que discute algumas ações que emergiram durante a investigação. Nessa seara, a análise de dados foi guiada pelas lentes da pesquisa descritiva, na visão de Gil (2002). Ao continuar, apresenta-se o referencial teórico que dialoga com a temática em discussão.

2 Referencial teórico: imbricações entre estudos surdos e o campo da etnomatemática

A Libras utilizada pelo professor surdo em sala de aula comum, é uma disciplina obrigatória na formação de professores, em todos os segmentos da educação, conforme o Decreto de nº. 5.626/2005, que define:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados (Brasil, 2005, texto digital, grifos nossos).

Diante da obrigatoriedade da inserção da disciplina de Libras em todas as matrizes que envolvem os cursos de licenciatura e na área da saúde, cabe destacar que o decreto Brasil (2005), também reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Desse modo, um dos aspectos para que o professor surdo possa interagir na sala de aula comum com os ouvintes, é o respeito à sua cultura. Conforme Perlin (2001, p. 56) “o surdo tem diferença e não deficiência”. Para respaldar a ideia, Zilio (2019, p. 36), corrobora, que essa diferença do sujeito surdo, “é o que nos faz reconhecer não a surdez, que olha primeiro para a deficiência de audição, mas a cultura surda, que enxerga primeiramente a diferença na língua falada por este sujeito, o sujeito surdo”. Assim, infere Kraemer (2019, p. 150) que:

[...] a língua de sinais é um operador importante na constituição da identidade surda. É por meio de práticas visuais que se constituem elementos significativos no desenvolvimento dos sujeitos e em suas interações. Nessa forma de interação com o mundo, a condição da surdez não se apresenta como uma patologia, um problema a ser resolvido e/ou corrigido. Ser surdo significa experimentar de outras formas as vivências pessoais. Ser surdo, a partir de um contexto cultural, significa dialogar com os indivíduos a partir de outra língua: a língua de sinais.

Dito isso, é aconselhável o professor adaptar o currículo escolar de acordo com o contexto dos estudantes e vinculá-lo ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. De fato, ele é fundamental para nortear o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes, em especial, em turma inclusiva, da qual fazem parte pessoas com surdez. Desse modo,

⁴ “O Nvivo é um software que ajuda você a organizar e analisar facilmente as informações não estruturadas para tomar sempre as melhores decisões. Seja qual for seu material, seu campo e sua abordagem, o Nvivo fornecerá uma área de trabalho para ajudar você em cada etapa do projeto - da organização do material até a análise e depois no compartilhamento e na geração de relatórios” (Nvivo, 2014, texto digital)



“desempenha a função principal pela formação dos sujeitos que se quer formar” (Kipper, 2015, p. 96).

Além dos recursos pedagógicos, como por exemplo, o Projeto Político Pedagógico (PPP), que direciona o trabalho com estudantes surdos e ouvintes, há os recursos humanos para atender aqueles. Tais recursos envolvem

[...] professores do setor do atendimento especial e de classes comuns de ensino, por instrutor de nível médio ou professores de Libras formado em nível superior, tradutor/intérprete de Libras, diretores, coordenadores, orientadores, supervisores educacionais, professor-intérprete (Alves, 2016, p. 100).

Dentre os profissionais citados pela autora, destaca-se a presença do professor surdo na sala inclusiva e na escola que garante o direito à constituição da identidade e da cultura surda. Alves (2016, p. 38) acrescenta que “desempenha a função principal de Libras no contexto escolar, indica-se que haja profissionais surdos na escola como referência para a criança surda”. Isso posto, é possível afirmar que o professor surdo, ao ministrar a sua aula, com a presença do intérprete da Língua de Sinais, em sala comum, fará o uso da Libras, com estudantes surdos e ouvintes, por pertencer a um grupo específico, conforme inferido na tese de doutorado de Antunes (2023). Hoffmeister (2009) ressalta que os surdos têm uma forma diferente de operar com o mundo, da dos ouvintes. Por exemplo, são pessoas que fazem o uso da visão de forma mais intensa, tornando-os sujeitos de uma cultura, com seu modo de comunicação. O autor ressalta, ainda, o meio de comunicação visual-gestual como uma forma de opor-se à surdez e olhá-la, primeiramente, como diferença cultural. Alberton e Karnopp (2022, p.1), convida os educadores, “[...] a valorização da experiência visual no ensino de Matemática por professores surdos, a partir de narrativas que indicam estratégias no ensino de Matemática, que valorizam a visualidade e a língua de sinais”.

Tais ideias podem ser associadas também ao campo da etnomatemática, pois, segundo D'Ambrosio (2008, p. 7), o “objetivo maior do programa Etnomatemática é dar sentido a modos de saber e fazer matemático das várias culturas”. Para ele, etno é “algo muito amplo, referente ao contexto cultural, e, portanto, inclui considerações como linguagem, jargão, códigos de comportamento, mitos e símbolos”; matema “é uma raiz difícil, que vai na direção de explicar, de conhecer, de entender; e tica vem sem dúvida de techne, que é a mesma raiz de arte e de técnica” (D'Ambrosio, 1999, p. 5). Por fim, “poderíamos dizer que etnomatemática é a arte ou a técnica de explicar, de conhecer, de entender nos diversos contextos culturais” (D'Ambrosio, 1999, p. 5). Na perspectiva de turma inclusiva, ideias atinentes à etnomatemática podem dialogar com às relativas aos estudos surdos, pois a matemática, nesse viés, é entendida como aquela

[...] praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos (D'Ambrosio, 2013, p. 10).

Assim, é possível aludir que os sujeitos surdos são parte integrante de um grupo que se identificam por meio de tradições e códigos, dentre eles, a Libras. Como apontam Agapito, Giongo e Hattge (2019, p.184), numa lógica de partilhar ideias e valores, “os sujeitos se permitem construir um sistema que se integra ao seu modo de viver”. As autoras seguem suas argumentações expressando que “convergindo com essa premissa, temos a linguagem, a conduta e demais pontos comuns que demarcam grupos específicos, tais como os surdos, que possuem a experiência visual e, imersa nela, a cultura surda e a língua de sinais” (Ibidem,



p. 184). Nesse sentido, pode-se considerar uma estreita relação entre os estudos surdos e ideias do campo da etnomatemática, sobretudo no que concerne aos modos próprios de fazer matemática.

Dentre as múltiplas perspectivas alusivas ao campo, estão os estudos de Knijnik *et al.* (2019). Em efeito, Knijnik (2014, p. 122, tradução nossa) atesta que o grupo de pesquisa por ela coordenado tinha, entre seus propósitos, "oferecer ferramentas teóricas que nos permitem colocar sob suspeita o que em nossa sociedade, muitas vezes, tomamos como verdades inquestionáveis de e sobre a educação matemática". Nesse sentido, a definição de etnomatemática intersecta ideias de dois filósofos. As do primeiro – Michel Foucault – são centrais, "principalmente pela recusa em tomar como "naturais" os objetivos e narrativas que compõem o pensamento da Modernidade" (Knijnik, 2014, p. 121), tendo em vista que,

Para o filósofo, a produção da 'verdade' não estaria alheia às relações de poder que a incitam e suportam, estando intimamente ligado à positividade do discurso. Afirma ser na verdade 'o conjunto de regras segundo as quais o verdadeiro se distingue do falso e atribui aos verdadeiros efeitos específicos de poder' (Foucault, 2002, p. 13), 'um conjunto de procedimentos regulamentados para produção, legislação, distribuição, circulação e operação dos extratos' (Ibidem p. 14), sendo 'circularmente ligada a sistemas de poder, que o produzem e sustentam' (Wanderer; Knijnik, 2014, p. 122, tradução nossa).

Do segundo filósofo – Ludwig Wittgenstein –, são potentes as ideias de forma de vida, uso e semelhanças de família, conceitos que permitem desconstruir a ideia da existência de uma suposta matemática universal que pudesse ser "aplicada" nos mais variados contextos. Agapito (2020) considera relevante que, durante as aulas de matemática, os professores das turmas inclusivas possam "atender às especificidades culturais dos alunos em questão diante de alguns conteúdos no decorrer das aulas de Matemática, também sentia necessidade de responder a questionamentos que partiam das professoras" (Agapito, 2020, p. 22). Dessa forma, infere que

[...] a Libras adentra nas discussões, primeiramente, por ser a língua natural desses sujeitos, fazer parte do seu grupo cultural e ser considerada fundamental para a constituição do seu pensamento matemático; e, em segundo lugar, por se constituir como um jogo de linguagem praticado pelos alunos, na forma de vida em que estão imersos (Agapito, 2020, p. 36).

Nessa perspectiva de semelhanças entre os jogos, o que há em comum entre as suas peças, tal como o tabuleiro, nos faz recordar aquelas que constituem o Grupo de Surdos, por exemplo, quando se reúnem para uma festa, ou se comunicam por meio de videoconferência, utilizando a Libras. Isso vem ao encontro das ideias de Perlin (2016, p. 63), a partir do depoimento de uma de suas participantes da pesquisa: "Estar com um grupo de surdos é sentir que se tem este parentesco. É um parentesco virtual. Isso porque chegamos na profundidade de nossas relações de semelhanças".

3 Metodologia: o lócus e os participantes

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas, localizadas no município de Guarantã do Norte e em Sinop, Mato Grosso, contando com a participação de sete professores, dentre eles, dois surdos e cinco ouvintes, que atuavam com estudantes surdos nos anos iniciais em turmas inclusivas. O mapa a seguir (Figura1) apresenta a localização dos *lócus* da pesquisa.



Figura 1: Mapa da localização da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A primeira etapa da investigação ocorreu em 2021, na escola pública da cidade de Guarantã do Norte, sendo a implementação das atividades de geometria espacial fazendo o uso GeoGebra como TA, em uma turma do 4º ano dos anos iniciais. Na sequência, a investigação, em 2022, ocorreu em uma escola pública de Sinop/MT, com uma turma do 3º ano. Ao término, em 2023, o grupo de estudos retornou para a primeira escola investigada e encerrou as atividades em uma turma do 5º ano. Cabe destacar que em todas as salas de aulas investigadas, havia estudantes surdos.

Cumpram também destacar que todos os preceitos de Ética em Pesquisa foram respeitados. Inicialmente, a investigação foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa da Instituição que sedia o Programa de Pós-Graduação. Nesta seara, foram assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), efetivados pelos pais e ou responsáveis pelos estudantes e pelos professores participantes da investigação. Os primeiros assinaram, inclusive, o Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), concordando em participar da investigação, após terem sido esclarecidas suas dúvidas.

A metodologia escolhida para sustentar a formação remete às ideias de Estudos de Aula. Segundo Blanco-Álvarez e Castellanos (2017, p. 16, tradução nossa) “O trabalho em grupo colaborativo enriquece a programação das atividades com a experiência de cada um, sendo discutidas as dificuldades encontradas e levando a soluções. Isso lhes permite pensar na atividade de ensino como um trabalho coletivo e não individual”. Após a utilização de recursos, como filmagem, diário de campo, materiais produzidos pelos professores, estudantes e observação participante, executou-se o processo de análise por meio da pesquisa descritiva, baseado nas ideias de Gil (2002). O autor ressalta que as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Os participantes da primeira etapa da pesquisa foram os professores regentes das turmas de 3º e 4º anos dos anos iniciais, o tradutor intérprete de Libras e a da Sala de Recursos Multifuncional de uma escola estadual no Município de Guarantã do Norte/MT. Eles seguiram estudando com os da segunda etapa em uma escola pública em Sinop/MT na qual atuavam o professor da sala de Recursos Multifuncional e dois surdos (também professores); um deles, convidado. Em todas as etapas, o grupo elaborou, redesenhou e avaliou atividades de geometria espacial fazendo o uso do GeoGebra como uma Tecnologia Assistiva (TA). As turmas escolhidas para desenvolver e reaplicar as tarefas foram a do 4º ano em Guarantã do Norte e a do 3º ano em Sinop/MT. Por fim, o grupo retornou à primeira escola investigada para trabalhar

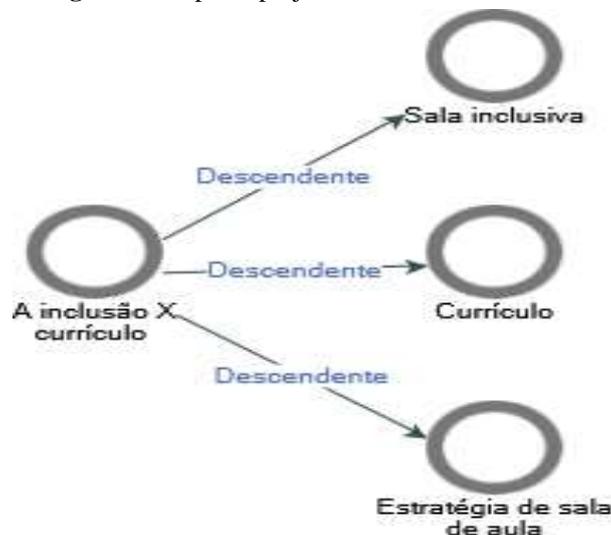
com uma turma do 5º ano na qual, como nas anteriores, havia um aluno surdo.

Em seguida, as tarefas foram retomadas com o Grupo de Estudo para análise, que puderam ser aprimoradas ou recriadas, com o intuito de desenvolvê-las na próxima etapa pelos professores, na sala de aula, com surdos incluídos no ensino comum. Ao continuar, discute-se os resultados de alguns indícios sobre o mapa de projeto: A inclusão e o currículo.

4 Resultados e discussões: o professor surdo em sala de aula comum

A análise dos materiais de pesquisa - o diário de campo, filmagens, observação participante, tarefas impressas e, a posteriori, a transcrição desses dados que envolveram os participantes - permitiu, dentre outros, a emergência do mapa de projeto denominado inclusão e currículo, a seguir exposto na Figura 2:

Figura 2: Mapa de projeto Inclusão e o Currículo



Fonte: Por meio do Nvivo (2023).

Conforme apresentado na Figura 2, o mapa de projeto “A inclusão e o currículo”, dialoga-se com seus descendentes (sala inclusiva; currículo; estratégia de sala de aula). Desse modo, resultou que o professor surdo pode ser professor regente em sala de aula comum, assim como os ouvintes. Em outras palavras, independente da disciplina, o surdo pode ser professor em sala de aula comum, desde que tenha formação na área, com direito ao intérprete da Língua de Sinais, como exemplo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para respaldar a ideia, no Grupo de Estudos, os professores surdos que participaram da pesquisa, puderam exercer a função de serem professores regentes em turmas dos anos iniciais (3º e 5º), com a presença de estudantes surdos e ouvintes, nas duas escolas investigadas. O **Professor 3**, em seu depoimento declarou que “*Eu, acho, que fica, legal, a comunidade surda/professor, estar bem presente dentro das atividades, junto com o aluno surdo/ouvinte, em sala de aula regular, e um intérprete junto com o professor surdo*”.

A preocupação de inserir os professores surdos em sala de aula comum dialoga com os preceitos da etnomatemática que constata no depoimento do **Professor 7**, “*A estratégia de inserir um professor surdo na segunda etapa da investigação fortaleceu o respeito pela cultura surda, em especial o uso da Libras em sala de aula*”. Logo, o mapa de projeto Inclusão e currículo conforme a Figura 2, destaca-se o direito do professor surdo, ser regente em salas



comuns, por meio da

[...] potência da metodologia Estudos de Aula para a qualificação dos processos de ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental, **sobretudo considerando o direito de o professor surdo ser regente em turmas comuns**, desde que tivesse a formação específica na área e o direito a um intérprete de LIBRAS (Antunes, 2023, p. 9, grifo nosso).

Nesse contexto, a etnomatemática dialoga com as questões culturais e práticas escolares. Conforme as afirmações, desde o início da investigação apostou-se que o respeito à cultura surda poderia dar sentido ao ensino da matemática e à inclusão do professor surdo em classes comuns, tanto para os estudantes surdos, como para os ouvintes, como pode ser evidenciado na Figura 3:

Figura 3: Professora surda orienta alunos ouvintes



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A Figura 3 registra o momento da orientação da professora surda aos estudantes ouvintes, em uma turma de 3º ano dos anos iniciais, ao fazer uma atividade proposta, fazendo o uso do GeoGebra como uma TA. Destaca-se o uso da sua cultura surda, por exemplo, ao fazer o uso das mãos e da visão junto à tela do computador. Nesse sentido, Alberton e Karnopp (2022, p. 3) afirmam que:

A Educação de Surdos e a Etnomatemática se articulam e se completam, valorizando a comunidade surda, a língua de sinais, a diferença surda e sua experiência visual. Ao aproximar a visão Etnomatemática e a Educação de Surdos, constata-se que os conhecimentos adquiridos através da experiência visual são melhor captados e aprendidos, enquanto a aquisição da língua de sinais é internalizada pela visualização.

Para corroborar com os autores, o **Professor 7** expressou que, “*Com certeza, aos poucos a Débora⁵, foi trabalhando na sala comum com os estudantes ouvintes, foi interagindo com todo mundo, e, depois, ela entendeu o processo, quando surgia dúvidas, perguntava ao intérprete de Libras*”. Para implementar a ideia, o professor complementa, “[...] eu ouvi de um aluno ouvinte, que show, ela tem a mesma capacidade que o professor ouvinte, em trabalhar em sala de aula conosco, me encantei!” O **Professor 2** acentua que a professora surda:

Além de orientar os alunos sobre a questão da resolução das questões de Matemática da geometria espacial, houve também essa questão da quebra de paradigmas da inserção de professor surdo em sala de aula comum ao ensinar matemática, não somente o professor ouvinte, pode ensinar matemática, mas também o professor

⁵ Refere-se à professora surda - consentindo que seu nome fosse incluído na investigação - que ministrava a aula na sala de aula comum.



surdo, isso não aconteceu, somente hoje aqui, mas, nas atividades do ano passado, também aconteceu.

Para afirmar a inclusão do professor surdo como regente em sala de aula comum, apresenta-se outro momento da investigação que expressa a interação da professora surda com os ouvintes, tendo como auxílio o GeoGebra.

Figura 4: Professora surda atuando em sala de aula



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Conforme expresso na Figura 4, a professora surda ensina os conteúdos de geometria espacial, fazendo o uso do GeoGebra como uma tecnologia assistiva, aos ouvintes do 3º dos anos iniciais, em sala de aula comum. Nessa ótica, a “Libras é a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros, e em cada país uma língua de sinais diferente é utilizada: na Argentina, a língua argentina de sinais; na Bolívia, a língua boliviana de sinais; no Equador, a língua equatoriana de sinais” (Zilio, 2019, p. 37). Isso posto, independente de cada país ter as suas regras gramaticais, quanto a língua de sinais, elas dialogam entre si nos seguintes aspectos:

[...] a língua de sinais é um operador importante na constituição da identidade surda. É por meio de práticas visuais que se constituem elementos significativos no desenvolvimento dos sujeitos e em suas interações. Nessa forma de interação com o mundo, a condição da surdez não se apresenta como uma patologia, um problema a ser resolvido e/ou corrigido. Ser surdo significa experimentar de outras formas as vivências pessoais. Ser surdo, a partir de um contexto cultural, significa dialogar com os indivíduos a partir de outra língua: a língua de sinais (Kraemer, 2019, p. 150).

Os resultados da pesquisa permitiram constatar a capacidade do professor surdo como regente, ao ensinar a matemática aos estudantes, ouvintes e surdos, desde que respeite seus modos diferentes de operar com a matemática escolar, o que vem ao encontro da etnomatemática. Nesse sentido, outra professora, surda, também ministrou aulas para os estudantes surdos e ouvintes, conforme expresso na Figura 5 a seguir:



Figura 5: Professora surda ministra aula a estudantes ouvintes, por meio da sua cultura surda



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Na imagem, os estudantes ouvintes operam com o *software* GeoGebra, fazendo o uso Cabe igualmente mencionar que raros foram os momentos, em sala de aula, que houve a colaboração do TIL, junto a professora surda. No entanto, é indispensável a presença desse profissional em sala de aula comum, exceto na disciplina na Língua de Sinais, no caso do Brasil, a Libras. Para respaldar a ideia, Wortmann (2002, p. 81) destaca que “[...] as linguagens são centrais para o significado e para a cultura, por serem os repertórios chaves de valores e de códigos que dão sustentação aos diálogos”.

A seguir, na última seção deste trabalho, evidenciamos algumas ideias à guisa de considerações finais apontando, também, propostas de continuidade da investigação.

5 Considerações finais: desdobramentos dos resultados

Este artigo buscou problematizar a presença do professor surdo em sala de aula comum, como docente da disciplina matemática, respeitando a cultura surda. Para dialogar com o presente objetivo, foi desenvolvida uma formação continuada, via grupos de estudos, com professores - cinco ouvintes e dois surdos, que atuavam com estudantes surdos e ouvintes nos anos iniciais, de duas escolas públicas, ambas localizadas no Mato Grosso. Para essa investigação, utilizou-se a metodologia denominada Estudo de Aulas, tendo como instrumento de ensino a geometria espacial, e fazendo o uso do GeoGebra, como uma tecnologia assistiva para o ensino de surdos, bem como potencializador das aprendizagens para os estudantes ouvintes. Igualmente, operou-se com a ideia inter-relação com o campo da etnomatemática, durante todo o processo da pesquisa, por meio da valorização da cultura do grupo surdo. Nesse processo, também se respeitou as diferentes formas de operar com a matemática dos estudantes ouvintes.

Com a utilização desses elementos e com a análise de dados por meio do Nvivo, emergiu o mapa de projeto “Currículo e inclusão”. Em efeito, o grupo de estudos entendeu a potencialidade do professor surdo ministrando atividades de geometria espacial para os estudantes ouvintes e surdos em sala de aula comum, juntamente com um intérprete de Libras. Os demais participantes do grupo atuaram como observadores na sala de aula, de acordo com as orientações da metodologia Estudos de Aula.



Isso posto, entendeu-se ser pertinente sublinhar a inserção do professor surdo na sala de aula para ensinar matemática no percurso do trabalho desenvolvido, comprovando que ele pode, como seu colega ouvinte, desempenhar essa função. Portanto, o fato representou uma quebra de paradigma ocorrido em quase todos os encontros. Para corroborá-la, transcreve-se uma citação do diário de campo: “*Os estudantes se levantaram da sua cadeira para assistir à aula do professor surdo por diversas vezes*”. A forma de trabalho pode ser considerada um acontecimento inédito, diferente dos que se costuma vivenciar nas escolas nas quais lecionam professores surdos. Diante disso, entende-se a potência provocar essas ações em sala de aula para que os ouvintes compreendam que o surdo pode ser professor de qualquer disciplina. Portanto, não basta discutir a inclusão, é preciso praticá-la e o desenvolvimento da investigação evidenciou que são necessárias algumas ações.

Entende-se que é indispensável iniciar com discussões nos cursos de formação de professores, tendo presente a necessidade de promover ações que, efetivamente, incluam licenciandos surdos.. Em especial, ao participar de programas como PIBID e/ou efetivar práticas pedagógicas em estágios, o licenciando, acompanhado de um tradutor intérprete de Libras, seria conduzido a ministrar aulas em turmas regulares. Outra ação produtiva está alicerçada na ideia de promover formação continuada de professores alicerçada na premissa da colaboração e investigação sobre a própria prática, como a proposta nesta investigação. Tais iniciativas poderiam evidenciar, nos ambientes escolares e não escolares, a potência de contar com estes profissionais nas escolas e universidades.

Referências

- Agapito, F. M., Giongo, I. M., & Hattge, M. D. (2019). Etnomatemática e ensino de surdos: possíveis aproximações. *Educação Matemática Em Revista*, 24(65), 177-189. Recuperado de <https://www.sbemrasil.org.br/periodicos/index.php/emr/article/view/197>.
- Alberton, B. F. A. & Karnopp, L. B. (2022). *Etnomatemática surda: práticas discursivas no ensino de matemática para surdos*. 2022. 178f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Antunes, M. F. N. (2023). *Surdos, tecnologias assistivas e estudos de aula: uma perspectiva etnomatemática em Foco*. 2023. 371f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências Exatas) – Universidade do Vale do Taquari Univates, Lajeado.
- Blanco-Álvarez, H. & Castellanos, M. T. (2017). La formación de maestros reflexivos sobre su propia práctica y el estudio de clase. 2017. In: Giongo, I. M. & Munhoz, A. V. (Org.). *Observatório da educação III: práticas pedagógicas na educação básica* (pp. 7-18). Porto Alegre: Criação Humana / Evangraf.
- Blanco-Álvarez, H. (2022). Clasificación de actividades matemáticas diseñadas desde la etnomatemática. In: Londoño-Agudelo, I. A. & Blanco-Álvarez, H. (Ed.). *Reflexiones sobre Educación Matemática desde la Etnomatemática* (pp. 1-10). Colombia: Editorial Universidad de los Llanos.
- Brasil. *Decreto nº 5.626, de 24 de dezembro de 2005*. (2005). Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF.
- D’Ambrosio, U. (1999). *Educação para uma Sociedade em Transição*. Campinas: Papyrus.
- D’Ambrosio, U. (2008). *O Programa Etnomatemática: uma síntese*. Acta Scientiae, v. 10, n. 1, p. 7-16.



- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- Hoffmeister, R. J. (2009). Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia *In: Skliar, C. (Org.). Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística*. Porto Alegre: Mediação.
- Knijnik, G.; Wanderer, F.; Giongo, I. M. & Duarte, C. V. (2019). *Etnomatemática em movimento* (Coleção Tendências em Educação Matemática). Belo Horizonte: Autêntica.
- Kraemer, G. M. (2019). Identidade e Cultura Surda. *In: Lopes, M. C. (Org.). Cultura surda & Libras* (pp. 138 -153). Santa Cruz do Sul: Unisinos.
- Nvivo. Software Nvivo. 2023. Disponível em: <https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home>. Acesso em: set 2022.
- Perlin, G. T. (2001). Identidades surdas. *In: Skliar, C. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças* (2. ed. pp. 51-73). Porto Alegre: Mediação.
- Ribeiro, L. L. (2020). O tradutor intérprete de Libras: análise da legislação vigente. 2020. 141f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba.
- Sponchiado, D. & Toso, C. (2019). Os Intérpretes de Libras: uma investigação. *In: Lopes, M. C. (Org.). Cultura surda & Libras* (pp. 55- 77). Santa Cruz do Sul: Unisinos.
- Wortmann, M. L. C. (2002). Análises culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. *In: Costa, M. V. (Org.). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação* (pp. 73-92). Rio de Janeiro: DP&A.
- Zilio, V. M. (2019). A Língua Surda: uma investigação. *In: Lopes, M. C. (Org.). Cultura surda & Libras* (pp. 28-40). Santa Cruz do Sul: Unisinos.

193